

Solistas da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

18 Jul 2020
18:00 Sala Suggia

TRIOS

Aldo Salvetti oboé
Tamás Bartók oboé
Roberto Henriques corne inglês

Ludwig van Beethoven

Trio para dois oboés e corne inglês em Dó maior, op. 87

(1794; c.21min)

1. *Allegro*
2. *Adagio*
3. *Menuetto: Allegro molto. Scherzo – Trio*
4. *Finale: Presto*

Variações sobre o tema “Là ci darem la mano”, WoO 28,
de *Don Giovanni* de Mozart (1795; c.9min)

- Tema, 8 variações e coda

QUINTETOS

Alex Auer flauta
Aldo Salvetti oboé
Álvaro Pereira violino
Mateusz Stasto viola
Nikolai Gimaletdinov violoncelo
Ilaria Vivan harpa

Johann Christian Bach

Quinteto para oboé, flauta e trio de cordas, op. 11 n.º 6

(1772; c.14min)

1. *Allegro*
2. *Andantino*
3. *Allegro assai*

Albert Roussel

Serenata para flauta, violino, viola, violoncelo e harpa, op. 30

(1925; c.16min)

1. *Allegro*
2. *Andante*
3. *Presto*

Ludwig van Beethoven

BONA, 16 DE DEZEMBRO DE 1770

VIENA, 26 DE MARÇO DE 1827

A obra de Ludwig van Beethoven tem sido consensualmente dividida em três grandes períodos criativos. Assim, depois da fase de juventude passada em Bona, o compositor viveu um primeiro período em Viena, entre ca. 1793 e ca. 1802, no qual demonstrou o seu domínio da tradição clássica vienense herdada de Mozart e Haydn, afirmando a sua individualidade nesse contexto. De facto, as obras desta fase, que se destacam já pela qualidade intelectual do seu material musical, demonstram como procurou adaptar-se aos padrões do gosto vienense, revelando igualmente a sua propensão desde cedo para a ambição ao nível da forma e do discurso musical. Boa parte da sua música de câmara inicial foi composta para diversas combinações de instrumentos de sopro. Isso foi motivado tanto pela procura que esse repertório tinha para consumo doméstico como pelo interesse do compositor em aperfeiçoar a sua escrita nesse campo, enquanto preparação para a abordagem à composição de música orquestral.

Trio para dois oboés e corne inglês, em Dó maior, op. 87

O Trio para dois oboés e corne inglês em Dó maior, op. 87, foi composto provavelmente em finais de 1794, incidindo sobre um tipo de agrupamento muito em voga em Viena nos finais do século XVIII. No contexto das dificuldades financeiras que vivia no início da década de 1800, o compositor foi obrigado a recorrer, em mais de uma ocasião, ao extenso fundo de peças compostas em anos anteriores e que tinha optado por não publicar. Foi o caso deste Trio, publicado já em 1806 (daí o seu elevado número de opus). Em Abril desse ano, o seu editor Artaria lançava ao público essa versão original a par de uma outra, para dois violinos e viola, autorizada pelo compositor, e depois surgiram ainda arranjos para várias outras combinações de instrumentos. Estilisticamente, este Trio revela acima de tudo a preponderância dos modelos de Mozart e Haydn, preservando a agradável atmosfera de serenata tão ao gosto da época, embora em alguns momentos não deixe de apontar também para um Beethoven mais maduro.

O primeiro andamento, *Allegro*, obedece à estrutura da forma sonata, e o seu espírito cativante aponta particularmente para a influência de Mozart. Um diálogo entre o corne inglês e o primeiro oboé apresenta o primeiro tema, caracterizado pela nota repetida, e o segundo tema, *dolce*, surge em Sol maior, na voz do primeiro oboé. O desenvolvimento elabora ambos os temas, e após a reexposição integral o andamento encerra com uma brevíssima coda. Já o segundo andamento, *Adagio*, em Fá maior, decorre numa atmosfera lírica e expressiva, com o seu melodismo também de sabor mozartiano. Por sua vez, o terceiro andamento, *Menuetto: Allegro molto. Scherzo*, é um minuete que, com o seu carácter vigoroso, mais se assemelha a um verdadeiro *scherzo*, contrastando bastante com o precedente, com sua figura harpejada de cariz jocoso. O Trio é mais calmo, mas a malícia continua sempre presente nas figuras sincopadas. O quarto andamento, *Finale: Presto*, concebido como um rondó, aponta mais claramente para o exemplo de Haydn. Após a apresentação do tema

principal, cheio de humor e energia, surge uma primeira secção contrastante, baseada numa ideia mais expressiva, em Lá menor, que alterna com um episódio em tercinas, em Dó maior. A secção inicial é sinteticamente repetida, surgindo então uma segunda secção contrastante, *dolce*, em Fá maior, que é apresentada de modo imitativo. O tema principal é novamente reiterado, e após uma breve evocação de ideias oriundas das secções contrastantes, uma coda encerra o Trio com brilhantismo.

Variações sobre “Là ci darem la mano”, WoO 28

A mesma combinação particular de instrumentos é aquela que está presente nas Variações sobre “Là ci darem la mano”, WoO 28. Datando também dos primeiros anos após o estabelecimento do compositor em Viena, a peça terá sido terminada, no máximo, no final de Dezembro de 1797, uma vez que se sabe que foi tocada num concerto realizado em Viena a 23 de Dezembro desse ano. No entanto, a sua publicação só teria lugar várias décadas após a morte de Beethoven, já em 1914, depois de ter despertado a atenção dos estudiosos. É possível que este conjunto de variações tenha sido concebido originalmente para ser o andamento final do Trio, acabando substituído nessa função por um novo rondó, mas de facto a peça resulta de modo bastante efectivo por si mesma, e tem sido merecedora de atenção enquanto uma das melhores entre o limitado número de obras de câmara para sopros no catálogo do compositor. A composição e comercialização de arranjos e variações sobre as mais populares melodias operáticas, para diferentes formações instrumentais e destinada sobretudo ao consumo doméstico, era uma prática que assumia grande relevo, enquanto meio de difusão do repertório, numa era anterior à introdução das primeiras tecnologias de reprodução sonora (como a fonografia e a radiofonia). No caso presente, está em causa uma série de variações sobre o popular *duettino* “Là ci darem la mano”, da ópera *Don Giovanni*, de Mozart, que tinha sido estreada em 1787. Localizada na Cena 3 do Acto I, a passagem corresponde ao momento do argumento em que Don Giovanni inicia a sua abordagem sedutora a Zerlina, que se mostra dividida entre esse apelo e a sua fidelidade a Masetto. As variações dão continuidade ao mesmo espírito algo jocoso, procurando sempre trazer o tema a uma nova luz.

A peça abre com a apresentação do Tema, *Andante*, em Dó maior, cabendo ao primeiro oboé a enunciação da melodia, sempre com grande simplicidade. Na primeira variação, *Allegretto*, o mesmo instrumento varia o tema com base numa ideia rítmica de cariz jocoso, e na segunda variação, *L'istesso tempo*, é o corne inglês que elabora a melodia com uma veloz figuração em tercinas, sob o acompanhamento dos dois oboés. Já a terceira variação, *Andante*, decorre numa atmosfera mais expressiva, intervindo primeiro com as duas vozes mais agudas, às quais depois se junta a mais grave; e a quarta variação, *Allegro moderato*, recupera o carácter jocoso, agora numa imaginativa abordagem imitativa em que participam os três instrumentos. Na quinta variação, *Moderato*, o protagonismo é de novo concedido ao primeiro oboé, que desenrola uma figuração veloz, acompanhado discretamente pelos seus parceiros. Por sua vez, a sexta variação, *Lento espressivo*, em Dó menor, introduz um contraste



acentuado, com a sua atmosfera mais séria e melancólica. Na sétima variação, *Allegretto scherzando*, de novo em Dó maior, regressa subitamente o ambiente divertido, com os três instrumentos em permanente interação; e na oitava variação, *Allegretto giocoso*, o tema é tratado de modo imaginativo entre o corne inglês e o primeiro oboé, enquanto o segundo oboé acompanha o diálogo com uma figuração animada, encerrando a passagem de modo surpreendentemente suspensivo. A série de variações termina com uma coda movimentada, quase como uma nona variação, a qual é iniciada com um momento de cariz contrapontístico, *Vivace*, que logo abranda para dar lugar a uma última evocação do tema, que se dissolve no silêncio.

Johann Christian Bach

LEIPZIG, 5 DE SETEMBRO DE 1735

LONDRES, 1 DE JANEIRO DE 1782

Johann Christian Bach afirmou-se como um dos mais destacados compositores da fase inicial do Classicismo. Nascido em Leipzig, recebeu instrução musical do pai, Johann Sebastian, até à morte deste em 1750, continuando-a depois com o meio-irmão mais velho, Carl Philipp Emanuel, que o acolheu em Berlim. Em 1756 mudou-se para Itália, onde se tornou discípulo do Padre Martini em Bolonha, e depois de convertido ao catolicismo assumiu, em 1760, o posto de organista da catedral de Milão. Foi já em 1762 que se estabeleceu em Inglaterra, onde desenvolveria uma extensa actividade musical — de tal modo que ficaria conhecido como “o Bach inglês”. O catálogo da sua obra abarca todos os géneros, da música instrumental à teatral, passando pela música sacra. O seu estilo, marcado pelas linhas simples e melodiosas do *style galant*, foi muito influente nos compositores da geração seguinte, como foi o caso de Mozart.

Quinteto para flauta, oboé, violino, viola e violoncelo, op. 11 n.º 6

Os seis quintetos op. 11, para flauta, oboé, violino, viola e violoncelo, foram compostos em 1776, em Londres, e publicados ano seguinte, na mesma cidade. Trata-se de um conjunto de peças particularmente interessante no quadro da produção de Johann Christian Bach no campo da música de câmara.

O Quinteto n.º 6, em Ré maior, divide-se, tal como os restantes, em três andamentos. O primeiro, *Allegro*, está concebido de acordo com o modelo da forma sonata, abrindo com um tema de carácter animado, apresentado pelo oboé e depois pela flauta. (Parte do material temático é usada por Mozart no seu Rondó em Ré maior, K. 485, como testemunho da sua admiração pelo mestre.) Surge ainda uma outra ideia temática em Lá maior, mais tranquila, após a qual um breve desenvolvimento elabora sobre o tema inicial. Já o segundo andamento, *Andantino*, em Sol maior, é no fundo uma pequena ária. O tema é apresentado pelo oboé e depois pela flauta, sendo então continuado por ambos. Surge ainda uma outra ideia, em Ré maior, e a secção é inteiramente reexposta em Sol maior, com os sopros a inverterem os papéis. Por fim, o terceiro andamento, *Allegro assai*, em Ré maior, está construído como um rondó. O tema principal, de carácter vivo e ligeiro, é apresentado pela flauta, alternando com duas outras

secções. Se uma é igualmente animada, ainda em Ré maior, a outra é claramente contrastante, decorrendo numa atmosfera mais expressiva, em Ré menor. O rondó encerra na atmosfera optimista da secção inicial.

Albert Roussel

TOURCOING, 5 DE ABRIL DE 1869

ROYAN, 23 DE AGOSTO, 1937

Albert Roussel foi um dos compositores franceses de maior relevo no período entre guerras. No entanto, a sua carreira nesse domínio começou relativamente tarde: foi em 1894, já com 25 anos, que o jovem Roussel abandonou a marinha para se dedicar inteiramente à música, prosseguindo os estudos musicais que já tinha iniciado em regime autodidacta, com vários professores, antes de em 1908 ser admitido na Schola Cantorum, em Paris. Nessa instituição entraria na órbita de Vincent d'Indy, que muito influenciaria o desenvolvimento do seu estilo. As suas primeiras obras, de feição dita “impressionista”, revelam ascendência fundamentalmente do modelo de Debussy, mas o compositor acabaria por adoptar uma orientação de sentido neoclássico. A sua linguagem pessoal concilia a afinidade com a tonalidade funcional e com as texturas contrapontísticas, bem como um gosto pelo cromatismo, decorrente da tradição wagneriana-franckista — um aspecto, tal como o anterior, absorvido na sua formação parisiense.

Serenata para flauta, violino, viola, violoncelo e harpa, op. 30

A produção mais importante de Roussel é aquela que deixou no domínio do bailado e da sinfonia, mas o seu catálogo inclui também muitas outras obras de relevo no campo da música teatral, coral e instrumental. É justamente o caso da Serenata para flauta, violino, viola, violoncelo e harpa, op. 30, uma obra representativa não só do auge do seu período neoclássico, mas também do interesse que demonstrou na década de 20 pela música de câmara, constituindo ainda o mais substancial dos contributos que forneceu para a literatura da flauta transversal. A peça foi composta entre Julho e Setembro de 1925, como resposta à solicitação do flautista René le Roy, e estreada em Paris, a 15 de Outubro desse ano, na Salle Gaveau, pelo Quintette Instrumental de Paris — encabeçado pelo referido instrumentista, que foi também o dedicatário quando da publicação da obra no ano seguinte.

O primeiro andamento, *Allegro*, em Dó maior, está concebido como uma forma sonata. Numa atmosfera sempre jovial e despreocupada, sucedem-se dois temas marcados pelas suas expeditas mudanças rítmicas. No misterioso segundo andamento, *Andante*, em Sol maior, a flauta enuncia uma longa melodia sobre o acompanhamento das cordas, em *pizzicato*, e o violoncelo e o violino envolvem-se num diálogo que culmina numa coda requintada. Por fim, o terceiro andamento, *Presto*, de novo em Dó maior, inicia-se com uma dança animada, e após uma secção que decorre numa atmosfera mais sensual, o torvelinho regressa ainda mais agitado e enérgico, marcado pelos apelos da flauta entre os sinistros harmónicos das cordas e dirigindo-se maliciosamente para o fim.

Aldo Salvetti oboé

Aldo Salvetti vive no Porto desde 1996, data de início das suas funções de solista de oboé na orquestra desta cidade, acompanhando-a na sua evolução desde a formação “clássica” até à actual Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Paralelamente, é professor de oboé na Escola Profissional de Música de Espinho, desde 1997, e no Departamento de Música da Universidade do Minho (Braga), desde 2015.

Na sua cidade natal de Veneza, começou aos 20 anos o estudo profissional do oboé, sob o impulso de Giorgio Trentin, antigo solista da Orquestra do Teatro La Fenice. Transferiu-se seguidamente para Milão, onde continuou os estudos com Giacomo Calderoni, solista de corne inglês no Teatro alla Scala e professor no Conservatório “Giuseppe Verdi”, tendo obtido o Diploma final com alta classificação. Aperfeiçoou-se em Basileia e em Zurique com os solistas internacionais Emmanuel Abbhuel e Thomas Indermuehle, e obteve em 1989 o Diploma de Concertista do Conservatório de Schaffhausen.

A sua carreira profissional começou em Roma na temporada de 1987 da Orquestra Nacional da Academia de Santa Cecília, onde tocou sob a batuta de maestros como Leonard Bernstein, Carlo Maria Giulini, Giuseppe Sinopoli, Gunther Herbig e George Pretre, entre outros. Em seguida desenvolveu colaborações estáveis como primeiro oboé na Symphonisches Orchester Zürich, na Orchestra Sinfonica Siciliana e na Vogtland Philharmonie. Interpretou os principais concertos para oboé e orquestra: Vivaldi, Bach, Mozart, Haydn, Richard Strauss, Vaughan Williams, etc.

Em Portugal, continuou a desenvolver intensa actividade em música de câmara e colabora com agrupamentos de música contemporânea, como a OrchestrUtopica e o Remix Ensemble.

Tamás Bartók oboé

Tamás Bartók nasceu em Ozd, Hungria. Obteve o Diploma de Concerto em 1996, na Academia Ferenc Liszt em Budapeste, na classe de Emilia Csásky.

Foi membro da Orquestra da Ópera Estatal Húngara entre 1992 e 1994. Tocou depois na Budapest Concert Orchestra durante um ano, até 1995. Desde essa altura e até 2008, foi oboé principal da Orquestra da Rádio Húngara. É membro da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música desde 2007, como primeiro oboé (Solista A). Colaborou com a Orquestra do Festival de Budapeste, os Solistes Européens Luxembourg (SEL) e a Orquestra Sinfónica Nacional RTÉ em Dublin. Em 2003 ganhou o Prémio NIVO da Rádio Nacional Húngara. Em 2016/17 tocou oboé principal na Orquestra Sinfónica da BBC em Londres e na Haydn Philharmonie em Eisenstadt.

Tem-se apresentado nas principais salas de concerto do mundo (como solista e como primeiro oboé), entre as quais o Barbican Centre e o Royal Albert Hall em Londres, o Concertgebouw em Amsterdão, a Konzerthaus em Viena, o Suntory Hall em Tóquio, o Teatro Colón em Buenos Aires e o Carnegie Hall em Nova Iorque.

Roberto Henriques corne inglês

Roberto Henriques é natural de Paúl, Covilhã. Começou os estudos musicais em 1998, na classe de Luís Vieira na Escola Profissional de Artes da Beira Interior. Em 2004 ingressou na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo, na classe de Ricardo Lopes, e em 2010 prosseguiu os estudos na Hochschule für Musik Hanns Heisler sob orientação de Ricardo Rodrigues. Participou em vários estágios de orquestras de jovens, destacando-se a Orquestra da União Europeia (2010 e 2011), com a qual tocou nas mais prestigiadas salas europeias.

Desenvolve uma intensa actividade como músico de orquestra, colaborando com agrupamentos como a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra das Beiras, a Orquestra do Norte, a Orquestra Clássica do Centro, a Orquestra Clássica da Madeira, a Orquestra de Câmara do Minho, a Orquestra de Santa Maria da Feira e a Orquestra Filarmonica Portuguesa. Trabalhou sob a direcção de maestros de renome como M. Sanderling, G. Nosedá, V. Ashkenazy, P. Eötvös e C. Zacharias, entre outros.

Desde 2018 integra como Solista B a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. É professor na Escola Superior de Artes Aplicadas (Castelo Branco) e na Escola Profissional de Música de Espinho.

Alex Auer flauta

Alexander Auer nasceu em 1972, em Seklerburg. Realizou os estudos de flauta na Escola Superior de Música de Heidelberg-Mannheim com J. Schmitz e na Escola Superior de Música de Estugarda com Jean-Claude Gérard. Concluiu cursos de aperfeiçoamento com Aurèle Nicolet, János Bálint, Mikael Helasvuo e András Adorján.

Como bolseiro da Fundação Villa Musica, em Mainz, interpretou vários concertos de música de câmara com Thomas Brandis, Rainer Kussmaul, Enrique Santiago, Martin Ostertag, Wolfgang Güttler, Isabelle Moretti, Ingo Goritzki, Ulf Rodenhäuser, Sergio Azzolini, Klaus Thunemann, Wolfgang Gaag, Radovan Vlatkovic, Zdenek Tylsar e Peter Sadlo.

Com o Trio Serenade, realizou digressões na Alemanha, no Japão e na China. Gravou com várias orquestras e grupos de música de câmara para as rádios SWR, NDR, BR, Rádio de Israel, RDP e Musikproduktion Dabringhaus und Grimm (MDG).

Fez parte da Orquestra de Câmara Kibbutz de Israel, da Hofer Symphoniker, do Bach-Collegium Stuttgart sob a direcção de Hellmuth Rilling, da Orquestra da Ópera de Estugarda e da Orquestra do Festival de Schleswig-Holstein na Alemanha, da Orquestra Pablo Sarasate de Pamplona em Espanha, da Orquestra Gulbenkian e da Orquestra Sinfónica Portuguesa em Lisboa.

É Solista da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

Álvaro Pereira violino

Graduado pelo Conservatório Estatal de São Petersburgo – Rimski-Korsakov (Rússia), Álvaro Pereira integrou a classe de violino de Alexandre Stang. Paralelamente, teve contacto regular com grandes músicos do panorama actual, como Nicolaj Znaider, Pinchas Zukerman e Ilya Kaler. Posteriormente, frequentou o curso Konzertexamen na Hochschule für Musik de Detmold, na classe de violino de Thomas Christian.

Natural de Guimarães, Álvaro Pereira iniciou os estudos musicais no CCM/Artave, onde foi aluno de Ana Cristina Mikus e António Soares. Posteriormente, na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo, estudou com Zofia Wóycicka. Contactou regularmente com violinistas como Gerardo Ribeiro e Yossif Grinman.

Desempenhou funções de concertino em várias orquestras, entre as quais: Orquestra XXI, Orquestra de Guimarães, Orquestra Clássica do Sul e Detmolder Kammerorchester. Integra a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música desde Setembro de 2019, como 2.º Concertino.

Mateusz Stasto viola

Mateusz Stasto nasceu em 1977, em Cracóvia (Polónia). Aos sete anos iniciou os estudos musicais em violino. Concluiu o Mestrado com distinção na Academia de Música de Cracóvia, na classe de Mieczyslaw Szlezer. Participou em masterclasses com músicos distintos como Zakhar Bron, Dmitry Sitkovetsky e Krzysztof Wegrzyn. Foi bolseiro da George Soros Mozart Foundation e da Academia Chigiana, em Siena, tendo sido aluno de Franco Gulli. Obteve a bolsa de estudos da Scuola di Musica di Fiesole onde estudou, entre outros, com Pavel Vernikov. Fez uma pós-graduação na Alemanha, onde se especializou em violino, viola e música de câmara, tendo trabalhado com Jakob Gilman e Helmut Nicolai no Richard-Strauss-Konservatorium (Munique) e com Vladimir Mendelssohn na Folkwang Hochschule für Musik (Essen). Em 2019 concluiu um doutoramento na Academia de Música de Cracóvia.

Fez recitais em diversos países da Europa, da América do Sul, de Ásia e de África. Estreou-se a solo aos 17 anos, com o Concerto de Mozart, junto da Orquestra Juvenil Austríaca em Salzburgo. Participou em festivais de música de câmara em Portugal, França, Itália, Noruega, Rússia, Alemanha e Moçambique.

Integrou projectos orquestrais tais como International Bachakademie Stuttgart, Orquestras de Câmara de Graz e de Berlim, Orquestra Sinfónica de Munique, Orquestra Nacional de Espanha, Orquestra Sinfónica da Galiza, entre outros. Desde 2004, é membro da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Foi chefe do naipe de violas convidado da Orquestra Gulbenkian, da Orquestra da Rádio da Noruega, da Orquestra Sinfónica da Malásia, da Niederbayerisches Philharmonie, da Orquestra Sinfónica da Catalunha e da Liszt Festival Orchester.

Entre 2011 e 2014, Mateusz Stasto participou no projecto Xiquitsi, que possibilita o acesso à educação musical por crianças e jovens moçambicanos. Desde 2016, é professor de viola d'arco na Universidade do Minho.

Nikolai Gimaletdinov violoncelo

Nikolai Gimaletdinov nasceu numa família de músicos e aos cinco anos começou a tocar violoncelo. Depois de se diplomar no Conservatório de São Petersburgo, prosseguiu os estudos na Escola Superior de Música e Artes Cénicas de Estugarda, na classe de Natalia Gutman. Em 2007 ingressou na Universidade de Música de Viena, estudando violoncelo e violoncelo barroco com Herwig Tachezi, e música de câmara com Valentin Erben.

Apresentou-se em países como Rússia, Itália, Estado do Vaticano, Japão, Áustria, Holanda, França, África do Sul, Argentina, Alemanha, Espanha, Bélgica e Estados Unidos da América. Foi solista com prestigiadas orquestras, destacando-se a Orquestra Nacional da Rússia com Mikhail Pletnev, a Orquestra Moscow Virtuosi com Vladimir Spivakov, a Orquestra Filarmónica de Ekaterinburg com Dmitry Liss e a Sinfónica da Ucrânia. Participou em festivais internacionais como o Festival Gergiev da Filarmónica de Roterdão, o Festival Styriarte (Áustria), o Festival de Colmar (França), o Oleg Kagan Musikfest (Alemanha) e o Festival de Violoncelo Gregor Piatigorsky (EUA). Ganhou inúmeros concursos internacionais, destacando-se o Concurso de Jovens Tchaikovsky, o Concurso Evgeny Mravinsky e o Concertino Praga.

Foi professor e artista convidado do Festival Internacional de Música de Viana do Castelo (2002-09) e director artístico do Festival Internacional de Música de Câmara de Maputo (2005-09).

Foi violoncelista da Sinfónica de Viena e Violoncelo Convidado Principal da Sinfónica do Teatro Mariinski. Desde 2007, colabora activamente com o Concentus Musicus Wien e o Klangforum Wien. Foi Violoncelo Principal da Filarmónica de São Petersburgo (2011-2016) e, desde 2017, é Violoncelo Principal da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

Gravou para as rádios alemã (BR) e austríaca (ORF), bem como para a televisão e rádio russa.

Ilaria Vivan harpa

Ilaria Vivan começou o estudo da harpa aos nove anos de idade, no Conservatório da sua cidade natal, Trieste (Itália). Concluiu a Licenciatura no ano de 1994 e em seguida continuou os estudos na Academia Nazionale di Santa Cecilia em Roma (triénio de aperfeiçoamento em harpa) e na Escola de Música de Fiesole (orquestra e música da câmara), em Florença. Acabou sempre com notas máximas. Aperfeiçoou-se também com Fabrice Pierre (Florença, Portogruaro).

Tocou em várias orquestras em Itália e no estrangeiro, apresentando-se em concerto também como solista e em agrupamentos de câmara. É membro da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música desde 2000, como Harpa Solista. Em Portugal, colaborou e colabora com orquestras e grupos dedicados à música contemporânea (Orquestra da Fundação Gulbenkian, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Remix Ensemble, OrchestrUtopica).

É professora de harpa na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo (ESMAE), no Porto.